

Revista **MONXORÓS**

Ano 2, Nº 03, V. 01, 2025

ISSN: 2966-0017

[RESENHA]

ISABEL VENDO CHOVER EM MACONDO

Rosalba Moreira Alves ¹

INTRODUÇÃO

Gabriel Garcia Marquez é um dos maiores escritores latino-americanos, e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Gabo, como ficou carinhosamente conhecido, foi jornalista, roteirista e romancista, tendo escrito diversas obras de grande sucesso, com destaque para o clássico Cem Anos de Solidão. O que muitos talvez não saibam é que ele também escrevia narrativas curtas, com a mesma perspicácia e, no caso desta coletânea, com um toque de suspense e excitação que causam no leitor, por assim dizer, um sentimento de estranheza durante a leitura.

Olhos de cão azul é uma coletânea que reúne onze contos do escritor colombiano, escritos entre 1947 e 1955. Em todos eles, está presente a temática da morte, abordada sob diferentes perspectivas. Não diria que são contos de terror, mas é uma leitura que incomoda e pode causar certa repulsa.

¹ Servidora Pública. Jornalista (UERN/2013), Especialista em Jornalismo Digital (2021). Atualmente é aluna especial do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). E-mail: rosalmoreira@uern.br

Esses escritos marcaram o início da trajetória do autor, que mais tarde se tornaria um dos maiores representantes do realismo mágico e se destacaria por outros grandes romances como *O amor nos tempos do cólera*, *Memória de minhas putas tristes* e *Crônica de uma morte anunciada*.

Nessa resenha, iremos analisar o último conto da referida coletânea, intitulado *Isabel vendo chover em Macondo*. Inicialmente, queremos destacar a relação desse conto com a obra mais emblemática do autor, *Cem anos de solidão*. Embora esta só tenha sido escrita em meados da década de 1960, isto é, mais de dez anos depois deste conto, eles se relacionam diretamente em, pelo menos, dois aspectos: a chuva e a cidade onde se passam as histórias, ou seja, Macondo. Um leitor desavisado poderá, de repente, achar que o conto foi inspirado no romance, quando, na verdade, ele o antecedeu.

A fictícia cidade de Macondo foi citada pela primeira vez na obra *A revoada*, mas foi em *Cem anos de solidão* que ela se tornou largamente conhecida, visto que a história se passa nesse local. Além disso, outro ponto em comum é a referência a uma chuva insistente em ambas as histórias. Em um trecho do clássico *Cem anos de solidão*, Gabo narra uma chuva que caiu em Macondo e que durou quatro anos, onze meses e dois dias. Mas, anteriormente, já havia sido registrada, no conto, uma grande chuva que caía em Macondo e que deixou os moradores assustados e apreensivos durante dias.

O conto é narrado em primeira pessoa, pela personagem Isabel. Numa manhã de domingo, logo após a missa, teve início a chuva que, mal sabiam os moradores, haveria de durar mais tempo que o esperado. Inicialmente, a água que caía do céu trouxe alegria e esperança aos moradores que, há sete meses, vivenciavam os efeitos do verão. “Durante o resto da manhã, minha madrasta e eu estivemos sentadas junto ao corrimão, alegres de que a chuva revitalizasse o alecrim e o nardo, sedentos no canteiro” (Marquez, 2023, p.147). Para os homens, era também sinal de esperança. “Meu pai sorriu. E almoçou com grande apetite, e até teve uma gostosa digestão junto ao corrimão, silencioso, com os olhos fechados mas sem dormir, como para acreditar que sonhava acordado” (Marquez, 2023, p.148).

O autor passa a descrever com detalhes a chuva e o que ela trazia consigo. Inicialmente, o sentimento de euforia, gratidão e a previsão de bonança mas, ao permanecer intensa e contínua, passou a ser vista com certa excitação e angústia. Com sua capacidade de escrita, Gabo nos envolve na história e provoca no leitor cada sentimento experienciado pelos personagens. A sensação de todos ali era de “como se não fosse estiar nunca” (Marquez, 2023, p. 149), e isso desperta uma apreensão também em quem lê e se imagina vivenciando essa chuva sem fim.

Em uma cena tocante e perturbadora, Garcia Marquez ilustra bem toda a tribulação que ora enfrenta Macondo: uma vaca se atola na rua, de tal forma que, a cada minuto de chuva que ela enfrenta, vão-se esvaindo suas forças e a esperança de sair dali com vida. Trata-se, na verdade, de uma metáfora representando o que todos estão enfrentando naquele momento: a incapacidade de sair para qualquer lugar que seja, em virtude da forte chuva.

Estávamos paralisados, narcotizados pela chuva, entregues ao desmoronamento da natureza (...). Só a vaca se mexeu de tarde. De repente, (...) as pezunhas se afundaram no barro com maior força. Logo ficou imóvel durante meia hora, como se estivesse morta, mas ainda não desabara porque a impedia o costume de estar viva, (...) até que o costume foi mais fraco que o corpo. (MARQUEZ, 2023, p.151).

A falta de um sinal que indicasse o estio, aos poucos, já adentrava cada um e, assim como aconteceu com a vaca, intimamente, temiam que esse fosse também o seu destino.

Desde a manhã de domingo, quando começou a chover, os personagens foram, aos poucos, perdendo a noção de tempo. Era como se fosse sonho ou, talvez, um pesadelo em meio àquela escuridão. “Ao meio dia da quarta-feira não acabara de amanhecer. E antes das três da tarde, a noite entrara toda” (Marquez, 2023, p. 153).

Após três dias de precipitações, a água invadiu a casa de Isabel. Os empregados carregavam móveis e utensílios domésticos para outro cômodo onde a água ainda não atingira. Através das notícias que acabam chegando até eles, tem-se a dimensão das consequências dessa chuvarada, como a igreja que está inundada e na iminência de desabar e o trem que já não viaja, pois seus

trilhos foram levados pela enxurrada.

O autor descreve os fatos de forma crua e assombrosa. “E se soube que uma mulher doente desaparecera de seu leito e fora encontrada nesta tarde flutuando no pátio” (Marquez, 2023, p.153). Em um cenário quase sobrenatural, a água chegou a romper as sepulturas e os corpos flutuavam no cemitério e nas ruas. Assim, vemos que a morte ronda Macondo por todos os lados, invade com veemência os pensamentos de seus habitantes e deixa no ar a dúvida sobre o fim dessa chuva.

Cenas aterrorizantes como essa podem, por vezes, causar desconforto em quem lê esse conto de Gabriel Garcia Marquez, mas isso demonstra, justamente, a maestria com que ele escreve e seduz o leitor, deixando-o preso e amargurado com o enredo. É assim com, praticamente, todos os contos dessa coletânea.

Mesmo tendo sido escritos no início da carreira de Gabo, esses escritos já representavam toda a grandeza e acuidade do autor que, com sua capacidade de criação, nos presenteia com essas histórias que, muitas vezes, transpõem o mundo real.

Referências bibliográficas

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Olhos de cão azul**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023. p. 147-157.